

No. 155
JUL-AGO-SET
ANO 22/2012

farj@riseup.net
http://www.farj.org
Cx. Postal 14576
CEP 22410-971
Rio de Janeiro/RJ - Brasil



ELEIÇÕES MUNICIPAIS NO RIO DE JANEIRO

NOSSAS URGÊNCIAS NÃO CABEM NAS URNAS!



Promessas de campanha dos candidatos à prefeitura do Rio: Miséria e repressão para o povo, felicidade e lucros para os ricos e empresários.

Mais um ano eleitoral chegou e, mais uma vez, lá estão os políticos nas ruas, nos jornais, nos “santinhos” ou na televisão: prometem transformações, soltam slogans ridículos, dizem que “agora vai ser diferente”. No entanto, passam as eleições e as coisas não mudam muito. Escândalos de corrupção, elevados níveis de violência, precário sistema público de saúde/educação, repressão aos trabalhadores do campo e da cidade e criminalização de movimentos sociais populares. Problemas historicamente construídos pelos ricos e poderosos no sistema de dominação capitalista.

Por outro lado, todas as mudanças, direitos e liberdades, duramente conquistados pelo povo, foram frutos da pressão e mobilização dos trabalhadores e movimentos organizados, no clamor das ruas, locais de trabalho e demais espaços sociais.

E nós, anarquistas organizados, só podemos nos colocar de um dos lados desta “barricada” cotidiana. Denunciando o “esquema” eleitoral e reafirmando nosso projeto de luta de base, e construção do poder popular, enquanto ca-

minhos concretos para uma real transformação social, indo na direção oposta de governos e partidos comprometidos com os opressores, dominadores e os interesses dos de cima. Luta popular e eleições são incompatíveis, e não podemos derrotar o inimigo utilizando suas próprias ferramentas, estas viciadas armas contra o povo, feitas para renovar e manter a ilusão de que a mudança passa pelas urnas.

O sistema que mantém nossos inimigos “não é onipotente, pode ser enfrentado, desestruturado, mas não a partir de dinâmicas que o retroalimentam” (FAU, *Tempos de Eleições*). Por isso a nossa ferramenta é a luta popular nos bairros, nas comunidades, nos sindicatos e locais de trabalho, sempre pela base. Essa é a nossa enxada, a nossa colher de pedreiro, o nosso quadro negro. É assim que aprendemos a lutar, conquistar e avançar. É assim que criamos um povo forte pois nossos sonhos não cabem nas urnas!

As eleições municipais no Rio de Janeiro

As eleições municipais no Rio segue

pelo mesmo mecanismo das anteriores: candidatos financiados por grandes empresários da construção civil, da máfia dos transportes públicos, do setor turístico e midiático e demais grupos capitalistas interessados em lucrar alto com a cidade “maravilhosa”.

O Estado do Rio de Janeiro continua sendo o “laboratório” da política de segurança pública da burguesia nacional. Que opera por meio de despejos, remoções violentas, unidades de polícia para controle dos trabalhadores pobres e negros, mega-empresendimentos, mega-eventos (Copa do Mundo e Olimpíadas), numa conformação urbana e social da cidade para aumentar o faturamento de diversos setores empresariais. Uma política de exclusão social, tocada de forma autoritária pelo poder público, criando zonas destinadas ao consumo, onde quem lucra são os ricos e os negócios milionários das elites econômicas. Interesses defendidos pelo pacto de classes do governo Lula-Dilma (PT).

Assim, os candidatos a prefeito só pensam em como “surfear na onda” da união do poder político com o poder

econômico. Aspásia Camargo tenta pegar carona na popularidade eleitoral de Marina Silva e sua “ecologia” para ricos, que pinta de verde um capitalismo que é movido à destruição e exploração do meio ambiente, mas que traz o discurso do “moderno” e do “sustentável”. Otávio Leite é a continuidade do projeto tucano de privatização dos serviços públicos e portanto, mais sucateamento dos transportes, da educação e da saúde. A aliança de Rodrigo Maia e sua vice, Clarice Garotinho, ambos filhos de antigos “coronéis” políticos, prova que, na política parlamentar, vale tudo pela “fatia do bolo”: antigos “inimigos” agora se abraçam.

A “novidade” é a candidatura de Marcelo Freixo do PSOL que avança nas pesquisas, com a defesa da bandeira da política parlamentar feita com ética, com reformas sociais e com espaços de participação da sociedade. Um projeto que mostra-se bem mais recuado do que o do PT nos anos 80, apesar de todo um discurso moderno e que busca contemplar diversas causas da atualidade, chamando para uma “primavera amarela” que seduz mais pela forma do que pelo conteúdo. Mas vale lembrar que, mesmo sob uma aura de moralidade, o PSOL já tinha aceitado dinheiro do Grupo Gerdau em 2008 (cem mil reais para a candidatura de Luciana Genro) e um de seus fundadores (Martiniiano Cavalcante) foi denunciado por receber 200.000 reais de uma das empresas-laranja de Carlinhos Cachoeira (réu do mensalão!). Sem contar que nesta eleição, o PSOL, supostamente de oposição, fez alianças com partidos abertamente burgueses ou comprome-

“Os trabalhadores tem que aprender que seu poder não está na força de seu voto mas na sua habilidade de parar a produção.”

Voltairine Cleyre (1866-1912)

NAS BOCAS...

tidos com o governo (caso de Macapá e Pará). Em entrevistas, Marcelo Freixo lamentavelmente defende a continuidade da política das UPP's (projeto de segurança das elites e que conta com apoio financeiro de empresários) e diz que terá "pulso firme" com os grevistas. Seus defensores dizem que tudo não passa assim de uma "estratégia" para lidar com a mídia burguesa. Mas O PC do B, antes oposição ao governo FHC, também tinha um discurso semelhante, defendendo as eleições como uma "tática para a conscientização" ou como "meio para exposição das contradições do sistema".

Hoje, o PC do B senta-se confortavelmente nas poltronas do poder. O fato é que grande parte da base eleitoral de Freixo é de uma classe média que não acredita na transformação social construída com base na organização popular e por meio da luta com os de baixo, apostando na comodidade da política representativa e crendo no mito do "candidato salvador" que vai mudar a realidade por decreto, como se não houvesse uma classe dominante hegemônica, agenciando forças econômicas, políticas, repressivas e jurídicas em prol de seus interesses e em detrimento do povo.

Correndo por fora, com a mesma justificativa de "politizar" o processo elei-

toral, estão PSTU, PCO e PCB. Candidaturas completamente inexpressivas e que dizem se utilizar das eleições como algo "tático". Na prática, ajudam a desmobilizar as lutas, reforçam a democracia burguesa e deformam as propostas do socialismo, com a ilusão de que ele pode ser alcançado ou construído pelas urnas.

Nas mobilizações populares (como no Grito dos Excluídos, nas assembléias estudantis e sindicais, etc.), por exemplo, empenham-se mais em fazer propaganda de suas candidaturas do que em reforçar as lutas pela base. O PSTU aliás, mesmo com o discurso de "independência" de classe e flexibilidade "tática", fez uma aliança com o PSOL e com o Pcdob no Pará, onde 80% da campanha foi financiada com dinheiro de empresas privadas!

Mesmo identificando na figura de Eduardo Paes (PMDB), um dos atores políticos que conduziu boa parte dessas ações à serviço dos ricos, é preciso ter uma visão mais ampla desse projeto e o que ele representa. Sem entender o pacto das três esferas governamentais, os interesses econômicos da burguesia e a fraqueza e desmobilização dos mo-

vimentos sociais, causada em boa parte pelo projeto do PT (que "desarmou" a classe) vamos continuar achando que o problema está em "quem ocupa a prefeitura". É pouco provável achar que os interesses da burguesia nacional e internacional serão contrariados com a mudança do prefeito. Das oito candidaturas, cinco são financiadas e atendem os interesses dos ricos e poderosos. Das outras três, duas não tem a menor chance de ganhar, e o candidato que vem em segundo lugar, Marcelo Freixo, pagou o preço de rebaixar totalmente seu programa político para poder avançar nas pesquisas, e está sendo pressionado pela burguesia e setores conservadores da classe média a rebaixar ainda mais.

O poder político é só parte do problema. Sem um projeto combativo nas ruas, locais de trabalho e comunidades, com força social suficiente para barrar as intenções das elites, o Rio de Janeiro continuará a ser um pesadelo para os pobres e trabalhadores. A desmobilização da classe é o verdadeiro problema a ser enfrentado. Devemos trabalhar incessantemente para continuar construindo organismos de poder popular,

nos locais de trabalho, nas ruas, nos bairros e comunidades, que possam enfrentar a burguesia.

Quem entrar no governo terá que continuar a rezar a cartilha dos poderosos, ou será obrigado a isso. E muitos candidatos, como foi com Lula e agora Freixo, utilizam-se também do discurso populista, ou do martírio do "lutador pela justiça", como forma personalista de canalizar e desmobilizar as lutas para suas figuras "paternais". Por que esperar um mártir, um candidato-herói ou um salvador, se o poder está nas bases e não no teto da reação que as limita? Esse foi o caso da Revolução Espanhola, onde o povo foi às ruas, autogestionou fábricas, coletivizou os campos e socializou a produção, assim como em Oaxaca em 2006, Chiapas em 1994, e outros exemplos onde o povo construiu o poder popular de baixo pra cima! O poder popular não se toma, se constrói de baixo pra cima!

Nossos sonhos não cabem nas urnas! Voto nulo nas urnas! Nos bairros, nos sindicatos, nas comunidades, nas lutas a nossa política é a do Poder Popular!

A ocupação da Usina Cambahyba pelo MST

Frente Anarquismo e Natureza da FARJ

"Já se organizaram em coletivos? Não esperem mais. Ocupem as terras! Organizem-se de forma que não haja chefes nem parasitas entre vocês. Se não o fizerem, é inútil que continuemos avançando. Precisamos criar um mundo novo, diferente do que estamos destruindo."

Buenaventura Durruti

Duzentas famílias ocuparam na madrugada da sexta-feira a Usina Cambahyba, localizada em Campo dos Goycatazes, norte fluminense. A usina é de propriedade da família do ex-vice governador do estado, Heli Ribeiro. A ocupação da Cambahyba é um importante símbolo da luta dos trabalhadores e o processo de desapropriação ainda está em andamento

na 2ª vara federal. Hoje ela está ocupada para servir a agricultura camponesa e atender a reforma agrária popular, já que a reforma agrária tocada pelo governo Lula-Dilma não tem mudado a estrutura fundiária do país.

A Usina foi um local onde a elite rural de Campos trocava alianças,

casamentos com os militares assassinos de militantes da esquerda. Nas terras da família de Heli Ribeiro Gomes os fornos de fabricação de açúcar eram emprestados para o delegado Cláudio Guerra incinerar os corpos dos militantes mortos pelo

regime militar. Hoje, os trabalhadores organizados no MST honram a memória daqueles/as que caíram nas mãos da ditadura civil-militar de 1964.

A importância da luta no campo e particularmente do MST é fundamental num contexto em que os megaempreendimentos (urbanos e rurais) passam como um rolo compressor sobre as necessidades dos trabalhadores do campo e da cidade e das comunidades tradicionais (indígenas, quilombolas, etc.). Megaempreendimentos motivados pelo plano IIRSA (Iniciativa de Inte-

gração Regional da América Latina), que tem como objetivo o saque sistemático de recursos por iniciativas como os megaeventos, os megaportos e as hidrelétricas, em detrimento dos anseios populares.

Por isso, a ocupação dessa usina reafirma o sentido da luta e da ação direta popular, a defesa da reforma agrária contra o latifúndio e contra as monoculturas extensivas promovidas pelo agronegócio. Acreditamos que é pela luta e organização de base que podemos conquistar a gestão coletiva da terra e da produção agrícola. Para isto, é preciso ocupar, resistir e produzir, fortalecendo os movimentos sociais do campo. Ocupar terras para viver e produzir é um direito e uma necessidade, resol-

Acreditamos que é pela luta e organização de base que podemos conquistar a gestão coletiva da terra e da produção agrícola.

vendo as reais demandas materiais e culturais da população. Por meio da organização pela base, são importantes as iniciativas como cooperativas de produção, organizadas de maneira direta pelos próprios produtores, tais como as que o MST tem organizado recentemente nos assentamentos do estado.

Jamais podemos perder o horizonte estratégico de criação do poder popular, que envolve o controle direto

da terra pelos trabalhadores e – portanto, o fim generalizado da propriedade privada.

Nossa contribuição como anarquistas é prosseguir, na medida de nossas forças, organizados nos movimentos sociais do campo e da cidade, incentivando a organização, o protagonismo popular, a solidariedade entre os trabalhadores do campo e da cidade e a produção coletiva para gerar a autonomia da luta.

**ORGANIZAR!
LUTAR!
JAMAIS SE
ENTREGAR!
PELO PODER
POPULAR!**



Ocupação da usina Cambahyba, Campo dos Goytacases.

A LUTA DAS MULHERES CONTRA A OPRESSÃO

Mulheres da FARJ

“No início, quando Mujeres Libres organizou-se, eu não estava de acordo com elas porque eu considerava que para ganhar a luta era preciso combater juntos, homem ao lado da mulher. E como para mim isso me parecia natural, eu não via razão para uma organização de mulheres. Em seguida houve o anúncio de uma organização de Mulheres livres. Fui até lá, e ouvi três companheiros entrarem no local zombando de Mujeres Libres: “o que essas mulheres vem fazer aqui? Fazem uma conferência? Porque elas se tomam?”. Isso me tocou muito profundamente. Assim, quando a conferência terminou, revoltei-me contra eles e à favor dos debates; manifestei todo o rancor que eu sentia contra os companheiros que não nos consideravam senão como mães de família ou criadas.”

Sara Berenguer, militante de Mujeres Libres, em 1936 parte para o front

Que mulher nunca foi subestimada pelo simples fato de ser mulher? A herança histórica de inferiorização permanece nos dias de hoje, refletindo a mulher como o sexo frágil, menos capaz física e intelectualmente, motivada sempre emocionalmente e privada de racionalização consistente. Mulher esta que é pintada por uma sociedade que insiste, há tempos, em tomar o mais “fraco” como objeto-propriedade. E tendo por base esta figura projetada da mulher - escrava de deveres morais, submissa e dependente – hoje, elas ainda são alvo de violência psicológica, verbal e mesmo física, entre outras.

No Brasil, cerca de 90% dos casos das agressões são cometidos por seus próprios companheiros, ou ex-companheiros, e cerca de 10% por outros, incluindo parentes. E muitas destas agressões causam lesões graves e levam ao óbito, no que chamamos de feminicídio. A vergonha, o sentimento de culpa, a dependência emocional e financeira são entraves para que as mulheres denunciem seus agressores, e a situação se complica ainda mais quando existem filhos. Além disso, o julgamento desses casos por parte da polícia e da (in)justiça, vendo-os como crimes passionais, influencia a sociedade, que também acaba encarando a questão da mesma maneira, desencorajando as mulheres a procurarem ajuda e direitos.

Junto à violência sexual – quando não é cometida por seus próprios companheiros ou

ex-companheiros –, ocorre a culpabilização das mulheres, quando são estupradas e abusadas, supostamente devido às suas “vestimentas” ou ao horário em que saíram à noite, quando a única explicação é a relação de poder e propriedade sobre a mulher.

Até hoje, mulheres que exercem as mesmas funções que homens, no trabalho, ainda recebem salários inferiores. E em muitos casos, devido às situações de submissão, sofrem assédio moral no trabalho e ainda correm o risco de perder o emprego em caso de gravidez.

No caso das mulheres por identidade de gênero, como por exemplo as transexuais, a situação é ainda mais grave. Elas muitas vezes não têm suas identidades reconhecidas, são perseguidas e assassinadas.

Há ainda outras formas de violência cometidas contra a mulher, muitas delas institucionalizadas (feitas pelo Estado), como o caso de mães em situação de rua que perdem o pátrio poder e tem seus filhos levados para abrigos e encaminhados para adoção. A justificativa generalizada, e injusta, é a de serem dependentes químicos, quando na verdade tal atitude se dá por elas serem pobres, “invisíveis” socialmente, e pela falta de políticas públicas voltadas para essa categoria.

Mulheres são violentadas em nossos círculos de convivência, inclusive em lugares onde muitas vezes entende-se que esse tipo de discussão está mais do que superada, que é o meio libertário, nos movimentos sociais e dentro da esquerda em geral, sendo o fato justificado por puro corporativismo do tipo “alguma coisa ela fez...”. Além de passarem por constrangimento ao ouvirem “mulheres grávidas ou com filhos não deveriam participar”, no caso de atividades ou eventos. E quando sua participação nesses eventos é avaliada dizem “nossa, fiquei impressionado com o debate, vocês mulheres mandaram muito bem, não esperava que vocês seriam tão capazes”.

Qualquer manifestação de violência contra a mulher deve ser vista como crime contra gênero sob a forma de dominação, controle e desigualdade de poder, herança histórica imposta pela sociedade machista e patriarcal, entranhada no comportamento social e naturalizada, mantendo tais fatos ainda velados.

Além disso, a opressão das mulheres também é uma questão de classe, pois se aprofunda com a dominação de econômica capitalista, visto que a mulher é mais ou menos oprimida de acordo com a classe à qual pertence, estando sempre em posição inferior aos homens dentro da própria classe.



Miliciana da Revolução Espanhola, quando o povo se organizou para combater a ditadura fascista, 1936.

Há quem pense que a discussão sobre gênero está superada, mas a relação hierárquica do homem sobre a mulher permanece presente, sendo bastante sintomática nos lares, nos locais de trabalho, nos espaços de convivência, onde muitas vezes os discursos não condizem com as práticas, ou se usam dois pesos e duas medidas. Ademais, a liberdade da mulher está atrelada à libertação de classe, que por sua vez é inerente à destruição do capitalismo. Para tal, ambos os gêneros devem lutar juntos contra toda forma de opressão e exploração, por uma sociedade verdadeiramente justa e igualitária.

Notícias Libertárias

Aniversário do CALC: No dia 31 de outubro o Coletivo Anarquista Luta de Classe (CALC-PR) completará dois anos de vida. Apesar de enfrentar todos os limites possíveis que uma primeira experiência organizativa costuma ter, nossos companheiros e companheiras de Curitiba seguem firme consolidando a organização política local, participando na Coordenação Anarquista Brasileira (CAB) e desenvolvendo trabalho e inserção social junto aos compas do Coletivo Quebrando Muros. Seguimos organizados em torno das lutas comunitárias e estudantis que acontecem na cidade de Curitiba, mais especificamente na UFPR e na Vila Torres. Também se mantém na coordenação do Círculo de Estudos Libertários (CEL), na edição do jornal No Batente e com a banca de livros na Reitoria da UFPR.

Pensando sobre um balanço do esforço coletivo de nossos companheiros e companheiras nesses dois últimos anos, consideramos a iniciativa como extremamente positiva. Em que pese à necessidade de amadurecimento coletivo e as dificuldades naturais enfrentadas por quem faz política a partir da realidade, nossos co-irmãos e irmãs das terras paranaenses são aqui saudados por sua coragem, responsabilidade, coerência e humildade, fazendo aos poucos o anarquismo voltar à cena das lutas sociais e da política local. Vida Longa ao Coletivo Anarquista Luta de Classe.

Saudamos o primeiro ano do CABN: No 01 de setembro de 2012 foi festejado o primeiro aniversário do Coletivo Anarquista Bandeira Negra. A atividade comemorativa aconteceu no Centro de Direitos Humanos Maria da Graça Bráz, na cidade de Joinville, norte de Santa Catarina, e contou com a participação de uma animada “plenária”, além da revenda de livros da Livraria 36. Há pouco mais de um ano, no dia 27/08/11, foi fundado o CABN, resultado de algumas iniciativas da militância local e do esforço de uma jovem e comprometida companheira, agora organizada nas frentes comunitária e de movimentos sociais, atuando nos núcleos Joinville, Chapecó e Florianópolis.

A comemoração foi aberta por um dos companheiros do CABN. Em seguida foi feita a leitura das saudações enviadas pelas demais organizações políticas que compõem a CAB, a Coordenação Anarquista Brasileira. Após a leitura das saudações a companheira Eliete da Federação Anarquista Gaúcha (FAG-RS) apresentou um histórico do FAO, o companheiro Wili do Coletivo Anarquista Luta de Classe (CALC-PR) abordou a questão dos diferentes níveis de organização e o companheiro Maikon (CABN) traçou uma breve trajetória do anarquismo organizado em Santa Catarina, abrindo assim os temas para debate junto à plenária.

Nós da FARJ torcemos para que os companheiros e companheiras catarinenses tenham êxito na consolidação da organização política e na prática de um anarquismo imerso na lutas sociais, que se preocupa, sobretudo, em servir aos explorados como ferramenta de transformação social. Vida longa ao Coletivo Anarquista Bandeira Negra.

Outra Campanha: Em tempos de eleições, grupos e movimentos sociais de vários estados trabalharam ativamente na construção de um povo forte através da *Outra Campanha*. Essa experiência é inspirada na prática dos zapatistas no México que, ao invés de escutarem um candidato ou “mártir” nas eleições, fizeram uma caravana escutando as comunidades para formular coletivamente um programa e projeto popular. Foram realizadas atividades da *Outra Campanha* no Paraná, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo

(interior e capital), Pernambuco, Alagoas, etc. No Rio de Janeiro a *Outra Campanha* partiu da experiência de diversos grupos e movimentos sociais, circulando em várias comunidades, ocupações e espaços de militância dos envolvidos. No nosso estado, tivemos como reforço, os chamados “Congressos Municipais”, experiência histórica de democracia direta e poder popular do *Movimento das Comunidades Populares* (MCP). Um congresso reunindo mais de 20 comunidades, com as sínteses dos problemas e soluções discutidos coletivamente nas bases de atuação dos diferentes grupos, foi realizado com sucesso na sede do SINDPETRO-RJ. O trabalho não se esgota no calendário eleitoral. A *Outra Campanha* é permanente, pois é permanente a luta e a resistência dos povos! Ação Direta é a arma que nós temos! Prosseguimos no trabalho cotidiano, prosseguimos na nossa *Outra Campanha*.

A Luta com os movimentos populares no 18º Grito dos Excluídos: Nessa 18ª edição do “Grito dos Excluídos”, a Avenida Presidente Vargas, no Rio de Janeiro, foi ocupada por dezenas de bandeiras de luta. Mesmo com um “Sol de inverno” de 35°, centenas de militantes de movimentos sociais, sindicatos e organizações políticas marcaram presença. Este ano, o “Grito” contou com uma grande mobilização dos movimentos sociais. Estiveram reunidos, ombro a ombro, o Movimento dos Trabalhadores Desempregados “Pela Base!” (MTD Pela Base! – RJ), a Organização Popular, o bloco musical Se Benze Que Dá, o Movimento das Comunidades Populares (MCP), a Frente Internacionalista dos Sem-Teto (FIST), entre outros grupos e companheiros. A proposta da Outra Campanha foi divulgada durante o ato com panfletos informativos, junto com o jornal Socialismo Libertário, da Coordenação Anarquista Brasileira (que integramos) e o nosso periódico, o LIBERA.

3ª Feira do Livro Anarquista de Porto Alegre: Durante os dias 16, 17, 18 de novembro ocorrerá uma grande propaganda do anarquismo na Usina do Gasômetro. Lá será realizada a 3ª Feira do Livro Anarquista de Porto Alegre. Haverá oficinas, debates, filmes e muitos livros!

3ª Feira Anarquista de São Paulo: A cidade de São Paulo se prepara para mais um evento anárquico no mês de Novembro, dessa vez acontecerá no Parque da Água Branca, a 3ª Feira Anarquista de São Paulo. No dia 4 de Novembro, das 10 às 20 horas, ocorrerão atividades culturais, bancas de livros e periódicos libertários e, a presença de companheiros de todo o Brasil e do Mundo. A entrada é franca.

Colóquio Internacional de Educação Libertária - 100 Anos da Escola Moderna de São Paulo: De 5 a 9 de Novembro, na Faculdade de Educação da USP na cidade de São Paulo haverá um encontro de comemoração aos 100 anos da Escola Moderna de São Paulo. Haverá debates e apresentações de trabalhos sobre o tema educação libertária e afim. Esse encontro também acontecerá aqui no Rio de Janeiro, na sede do SINDSCOPE em São Cristovão, no dia 12 de Novembro. Para mais informações sobre o evento acesse o site: coloquioeducacaolibertaria@wordpress.com.

BIBLIOTECA SOCIAL FÁBIO LUZ - Fundada em 18 de novembro de 2001

Nosso acervo compreende livros sobre anarquismo, mov. operário, biografias, história, filosofia, literatura, ciências sociais, além de periódicos, fanzines e DVDs.

Rua Torres Homem 790, 2º andar, Vila Isabel. Sábados de 10h às 17h. fabioluz@riseup.net

Libera, 2.000 exemplares. Subscrições para esta edição:

Alga, Campos, Cav Negro, Durden Poulain, Gaia Montenegro, Jack, Katonigra, Rudesindo, Sergio, Seu Antenor.

Apoie o *Libera* você também: farj@riseup.net



ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS - BRASIL: CABN/SC www.cabn.libertar.org | ORL/CE resistencialibertaria@riseup.net | Núcleo Negro/PE <http://nucleonegro.wordpress.com> | OASL/SP www.anarquismosp.org | FAG/RS www.vermelhoenegro.co/cc | Rusga Libertária/MT <http://rusgalibertaria.blogspot.com> | CAZP/AL www.cazp-al.blogspot.com | GEIPA/SC www.geipajoinville.blogspot.com | CALC/PR <http://coletivoanarquistalutadeclasse.wordpress.com> | http://COMPABH.com.br | www.socialismolibertario.com.br | ÁFRICA DO SUL: ZACF www.zabalaza.net | ARGENTINA: OSL www.osl.org.ar | FACA <http://lafaca.org> | COLÔMBIA: RLPKM www.redlibertariapmk.org | BOLÍVIA: OARS www.oars.tk | CHILE: OCL ocl.chile@gmail.com | CAL <http://labatalladelostrabajadores.blogspot.com> | COSTA RICA: Pró-FAC (Círculo de Estudos la Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> | FRANÇA: CNT Vignoles www.cnt-f.org | MÉXICO: AMZ <http://espora.org/amz> | CAMA <http://espora.org/cama> | PERU: USL www.uslperu.blogspot.com | URUGUAI: FAU <http://federacionanarquistauruguay.com.uy> | CSL <http://periodicorojoynegro.blogspot.com> | EUA/CANADÁ: NEFAC www.nefac.net | UCL www.causecommune.net | ITÁLIA: FdCA www.fdca.it | IRLANDA: WSM www.wsm.ie | ESPANHA: CNT www.cnt.es | CGT www.cgt.org.es | www.anarkismo.net